

A relação pedagógica na educação especial: o cuidado de si e o cuidado do outro em Michel Foucault

The pedagogical relationship in special education: care of the self and care of the other in Michel Foucault

La relación pedagógica en la educación especial: cuidado de sí y cuidado del otro en Michel Foucault

DOI: 10.54033/cadpedv22n10-069

Originals received: 7/7/2025

Acceptance for publication: 7/31/2025

Ana Silvia Marcatto Begalli

Doutora em Educação

Instituição: Universidade São Francisco (USF)

Endereço: Itatiba, São Paulo, Brasil

E-mail: asbegalli@hotmail.com

Jessica Yume Nagasaki

Mestra em Direito

Instituição: Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM)

Endereço: Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil

E-mail: jessicayumenagasaki@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação pedagógica entre professor e aluno no âmbito da educação especial, à luz da noção de “cuidado de si” e seus desdobramentos no “cuidado do outro”, conforme proposto por Michel Foucault. A relevância do estudo reside na necessidade de aprofundar o debate sobre práticas inclusivas no contexto educacional brasileiro, destacando que a simples presença de estudantes com deficiência, altas habilidades ou dificuldades de aprendizagem na escola não garante seu pleno desenvolvimento cognitivo, acadêmico e social. A pesquisa está estruturada em três eixos: (i) análise dos fundamentos ético-filosóficos do cuidado de si e do outro em Foucault; (ii) identificação dos desafios enfrentados por docentes no processo de efetivação da educação especial; e (iii) investigação do papel do cuidado de si na formação docente e suas implicações para a construção de relações pedagógicas mais éticas e sensíveis. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica sistemática, tendo como principal referencial teórico os estudos foucaultianos, articulados com autores contemporâneos da educação e da ética do cuidado. Espera-se que o trabalho contribua para a ressignificação das práticas pedagógicas na educação especial,

a partir de uma perspectiva ética e formativa centrada na subjetividade do educador e do educando.

Palavras-chave: Relação Pedagógica. Professor e Aluno. Educação Especial. Cuidado de Si. Cuidado do Outro. Michel Foucault.

ABSTRACT

This article aims to analyze the pedagogical relationship between teacher and student in the context of special education, in light of the notion of "care of the self" and its implications for "care of the other," as proposed by Michel Foucault. The relevance of the study lies in the need to deepen the debate on inclusive practices in the Brazilian educational context, highlighting that the mere presence of students with disabilities, special abilities, or learning difficulties in school does not guarantee their full cognitive, academic, and social development. The research is structured around three axes: (i) analysis of the ethical-philosophical foundations of care of the self and the other in Foucault's view; (ii) identification of the challenges faced by teachers in the process of implementing special education; and (iii) investigation of the role of care of the self in teacher training and its implications for building more ethical and sensitive pedagogical relationships. Methodologically, this is a qualitative study, based on a systematic literature review, with Foucault's studies as its main theoretical framework, combined with contemporary authors on education and ethics of care. The study is expected to contribute to the redefinition of pedagogical practices in special education, from an ethical and formative perspective centered on the subjectivity of both educator and student.

Keywords: Pedagogical Relationship. Teacher and Student. Special Education. Self-Care. Care of Others. Michel Foucault.

RESUMEN

Este artículo busca analizar la relación pedagógica entre docente y estudiante en el contexto de la educación especial, a la luz de la noción de "cuidado de sí" y sus implicaciones para el "cuidado del otro", según la propuesta de Michel Foucault. La relevancia del estudio radica en la necesidad de profundizar el debate sobre las prácticas inclusivas en el contexto educativo brasileño, destacando que la mera presencia de estudiantes con discapacidad, habilidades especiales o dificultades de aprendizaje en la escuela no garantiza su pleno desarrollo cognitivo, académico y social. La investigación se estructura en torno a tres ejes: (i) análisis de los fundamentos ético-filosóficos del cuidado de sí y del otro desde la perspectiva de Foucault; (ii) identificación de los desafíos que enfrentan los docentes en el proceso de implementación de la educación especial; y (iii) investigación del rol del cuidado de sí en la formación docente y sus implicaciones para la construcción de relaciones pedagógicas más éticas y sensibles. Metodológicamente, se trata de un estudio cualitativo, basado en una revisión sistemática de la literatura, con los estudios de Foucault como principal marco teórico, combinados con autores contemporáneos sobre educación y ética del cuidado. Se espera que el estudio contribuya a la redefinición de las prácticas

pedagógicas en educación especial, desde una perspectiva ética y formativa centrada en la subjetividad tanto del educador como del educando.

Palabras clave: Relación Pedagógica. Profesor/a y Alumno/a. Educación Especial. Autocuidado. Cuidado de los Demás. Michel Foucault.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação pedagógica entre professor e aluno no âmbito da educação especial, contemplando as etapas da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio, a partir de uma articulação teórica com os estudos de Michel Foucault sobre o cuidado de si e seus desdobramentos no cuidado do outro. A educação inclusiva configura-se como um modelo educacional que visa garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os estudantes, respeitando suas singularidades, diferenças e necessidades específicas. Trata-se de uma concepção de escola que valoriza a diversidade humana como princípio formativo e ético. Nesse contexto, a educação especial — inserida na perspectiva inclusiva — dedica-se ao atendimento das especificidades dos alunos com deficiência, com altas habilidades/superdotação e/ou com dificuldades de aprendizagem, por meio da oferta de recursos pedagógicos, estratégias didáticas e serviços de apoio especializados, conforme as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC, 2008).

No terceiro volume da coleção *História da Sexualidade*, Michel Foucault se debruçou sobre a questão do cuidado de si. A relação que acontece no processo educacional é estabelecida entre duas figuras: professor e aluno. É primordial investigar como deve ser a formação e o olhar do professor para atuar na educação especial (cuidado de si) e como isso se reflete no atendimento ao aluno com deficiência, altas potencialidades e/ou dificuldades de aprendizagem (cuidado do outro). O cuidado do outro e a atenção para as suas necessidades devem, necessariamente, passar pelo cuidado de si próprio. Assim, o suporte oferecido à criança e ao adolescente na educação especial passa, antes, pela

formação do professor, pois somente cuidando adequadamente de si é que poderá ele cuidar do outro.

O assunto se mostra relevante, uma vez que a educação é um direito que está assegurado nas mais diversas cartas legislativas, desde a Constituição Federal até leis específicas, além de decretos e resoluções. Mas a questão nevrálgica se concentra em investigar se o aluno com deficiência, altas potencialidades e/ou dificuldades de aprendizagem está sendo efetivamente incluído, o que não significa tão somente matriculado, mas também se estão sendo dadas condições para o pleno desenvolvimento em seu processo de aprendizagem e o desfazimento de barreiras, que não dizem respeito somente a empecilhos arquitetônicos, mas à superação da exclusão originada pelo preconceito. Não basta a simples entrada, pois se o aluno frequenta a escola, mas não consegue desenvolver-se e socializar-se, o que se verifica é um manifesto processo de exclusão pela inclusão.

Dessa maneira, esse artigo se divide basicamente em três partes: analisar o tema do cuidado de si e do cuidado do outro em Michel Foucault; entender quais os principais desafios enfrentados (em especial pelo corpo docente) para a efetivação da educação especial e por fim, investigar a importância do cuidado de si na formação do professor e os seus reflexos na relação com o aluno da educação especial. Afinal, como o cuidado do outro passa antes pelo cuidado de si, e como essa questão é tratada na escola através da preparação do corpo docente para o enfrentamento da exclusão? É o que se passa a analisar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CONHECIMENTO DE SI E O CUIDADO DE SI NUMA ÓTICA FOUCAULTIANA

O cuidado de si é “um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação” (Foucault, 1994, p. 53). Disso, podemos extrair que o cuidado de si é uma prática que faz com que o sujeito seja o seu próprio objeto

de atenção e cuidado, e através dessa conduta ele faz o uso de variadas técnicas para se conhecer, se aprimorar, se transformar e se conectar consigo próprio, antes de se conectar com o outro. De acordo com Revel (2005, p. 33), a expressão “*cuidado de si*”, na perspectiva de Foucault, “*indica o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo*”.

Foucault (2006) menciona que o cuidado de si foi um fenômeno muito importante nas antigas civilizações romana e grega, mas que esse tema não foi muito estudado. Nessas sociedades, o cuidado de si era tido como uma prática que reforçava a autonomia e a liberdade do sujeito. E, mais do que isso, “na Antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo: cuida-te de ti mesmo” (Foucault, 2006, p. 278). Ao falar de ética, surge de antemão a ideia da moral, que, para Foucault (2006, p. 281), é conceituada como “um conjunto de valores e de regras de conduta que são propostos aos indivíduos e aos grupos por meio de diversos aparelhos prescritivos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas etc.”. O que se nota é que as regras da moral impõem um rol de comportamentos aos indivíduos, que visam manter a boa convivência no meio social, uma vez que todos vivemos em um mesmo espaço e um mínimo de civilidade deve ser exigida e praticada, até mesmo para a preservação desse ambiente comum. Já a ética, no viés foucaultiano, está baseada na prática do cuidado de si, e é, portanto, algo que se manifesta dentro do indivíduo e na relação que este passa a cultivar com seu próprio eu.

Destarte, essa ética não está no exterior ou à volta do sujeito, mas é evidente que a maneira com que esse último se relaciona consigo se reflete na forma como se relaciona com os outros. Por conseguinte, esse sujeito que pratica o cuidado de si, que se conhece e se transforma, torna-se livre. Entenda-se liberdade aqui, não como aquela liberdade garantida por lei, de ir e vir, mas a liberdade do sujeito que não está subjugado a sentimentos como a raiva, o destempero ou a cólera. Ele não age impetuosamente guiado por tais instintos e emoções, pois esse sujeito tem o domínio sobre si e sabe que nem tudo que deseja ou quer fazer deve ser posto em prática, e ele próprio sabe impor-se essa

fronteira. Mas não o faz não por estar amarrado a códigos de moral, e sim por ter autoconhecimento e autocontrole. Para Foucault (2006), a ética não é o cuidado de si, mas aquela está intrinsecamente ligada a este. Na Antiguidade, a moral estava atrelada a essa ética do cuidado de si, e não à obediência das pessoas a regras de conduta, já que

[...] os gregos problematizavam efetivamente sua liberdade e a liberdade do indivíduo como um problema ético. Mas ético no sentido de que os gregos podiam entendê-lo: o *êthos* era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. O *êthos* de alguém se traduz pelos hábitos, pelo seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde aos acontecimentos. O homem que tem um belo *êthos* pode ser admirado e servir como exemplo. Mas para haver essa liberdade formada por esse *êthos*, ou seja, por algo que é bom, honrado e respeitável, é preciso haver o cuidado de si, um trabalho de si, sobre si mesmo (Foucault, 1994, p. 281).

Foucault (2010) menciona que o cuidado de si é essencialmente ético, uma vez que vai influenciar a maneira como nos relacionamos com os outros e também como cuidamos dos outros, o que não deixa de ser uma forma de governar, pois “aquele que cuida de si, a ponto de saber exatamente quais são os seus deveres como chefe da casa, esposo ou como pai, descobrirá que mantém com sua mulher e seus filhos uma relação necessária” (FOUCAULT, 2006, p. 267). Ora, se o sujeito cuida de si e sabe conduzir bem a sua vida pela autonomia que conquistou, ele saberá como conduzir as relações com seus familiares, amigos, colegas, empregadores, empregados etc. É por isso também que cuidar de si é algo para toda a vida, já que

[...] o cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica em relações complexas com os outros, uma vez que esse *êthos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros; por isso é importante, para um homem livre que se conduz adequadamente, saber governar sua mulher, seus filhos, sua casa, nisso também reside a arte de governar. O *êthos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade (Foucault, 2006, p. 282).

Posteriormente, o cuidado de si como uma prática que buscava a ética nas relações foi substituído pela coerção exercida pelas instituições, tais como

a escola, a igreja e os hospitais, visto que passou-se “de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral como obediência a um sistema de regras” (Foucault, 2010, p. 283). Com o fim da era da Antiguidade, deixou-se de lado essa ideia do cuidado de si como uma prática na busca pelas virtudes que culminariam em uma existência ética. A moral, a partir de então, passou a ser direcionada à sujeição que as pessoas deveriam ter aos códigos de conduta e às instituições, que também possuíam suas próprias regras (Begalli, 2025). A ascensão do Cristianismo contribuiu de forma robusta no abandono do ideal do cuidado de si, pois

ao introduzir a salvação como salvação depois da morte, vai desequilibrar ou, em todo caso, perturbar toda essa temática do cuidado de si. Embora, lembro mais uma vez, buscar a salvação significa certamente cuidar de si. Porém, a condição para realizar sua salvação será precisamente a renúncia. Nos gregos e romanos, pelo contrário, a partir do fato que se cuida de si em sua própria vida e de que a reputação que se vai deixar é o único além do que com o qual é possível se preocupar (Foucault, 2010, p. 267).

Passando para o tema do cuidado de si e a sua relação no cuidado dos outros, importante destacar que o homem é primordialmente um sujeito que vive em um meio social. O cuidado de si e a noção ética que se origina dele têm efeito não só para a pessoa, já que as práticas de cuidado de si vão consequentemente se ecoar na qualidade da interação que se constitui com o outro, o que tende a deixar e a manter o ambiente em comum e até mesmo a própria comunidade, de forma geral, mais harmônicos e equilibrados. Para Foucault (1994, p. 57), “tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo; ela não constitui um exercício da solidão; mas sim uma verdadeira prática social”.

Mas, antes de olhar o outro e de cuidar do outro, deve o sujeito ocupar-se de si próprio. Essa última prática deve vir antes das primeiras, mas não por egoísmo ou narcisismo, e sim porque o *eu* vem antes do *outro*, para se relacionar com o *outro*, deve-se relacionar antes com o próprio *eu* (Begalli, 2025). Foucault (2006, p. 271) explica que não se deve passar o “cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária”. E como se cuida

de si mesmo? Que práticas nos levam ao autoconhecimento, ao aprimoramento, ao autodomínio? Foucault explica que

[...] esse tempo não é vazio: ele é povoado por exercícios, por tarefas práticas, atividades diversas. Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe mas de que convém apropriar-se ainda melhor (1994, p. 87).

Embora a expressão cuidado de si possa parecer algo individualista, na verdade não o é. Foucault (2006, p. 268) leciona que “ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual”. Importante destacar que o ato de ocupar-se consigo mesmo não se concentra somente nas técnicas que empregamos para nós mesmos em atividades isoladas e solitárias. Na perspectiva de Grabois (2011, p. 106), Foucault, ao “conferir importância às práticas de si, não defende uma posição individualista; defende ao contrário, que essas práticas se inserem num contexto mais amplo de práticas sociais”.

A educação é um processo que necessita primordialmente da interação entre sujeitos. O educador promove o cuidado do outro ao ensinar, ao orientar e ao acolher o aluno, dentre tantos outros movimentos. Mas cuidar do outro requer antes o cuidado de si, e, no caso do educador, esse cuidado consigo passa por sua formação, que deve (principalmente no que concerne à educação especial) abranger um processo de mudança através do qual ele possa, em primeiro lugar, tomar consciência da diversidade que marca o corpo discente com o qual trabalha, para posteriormente saber lidar com as diferenças. A formação continuada do docente e a transformação de sua percepção acerca dessas diferenças são importantes formas de cuidado que o professor tem para consigo, promovendo o rompimento de barreiras e estigmas que indubitavelmente irão gerar resultados positivos no cuidado com o corpo discente.

Por isso, o professor antes deve cuidar de si, transformar-se, reciclar-se, aprender, evoluir, para depois cuidar do outro, o aluno. É fundamental que se compreenda que os sujeitos também são constituídos e construídos a partir do

olhar que o outro emprega sobre eles. É por meio da interação que o cuidado de si, assim como do outro, se torna possível, pois “o cuidado de si ou os cuidados que os outros devem ter consigo mesmos – aparece então como uma intensificação das relações sociais” (Foucault, 1994, p. 58). Isso tudo faz parte do cuidar de si para depois cuidar do outro, de praticar ações e de ter relações com os outros. Nessa perspectiva, o ato de cuidar de si redimensiona o professor a converter o seu olhar para que a sua sensibilidade sobre o corpo discente seja mais ampla e eficaz. O cuidado de si desempenha um papel importante para a consolidação do processo educacional, especialmente no que tange à inclusão, que ainda enfrenta inúmeros desafios para ser concretizada.

2.2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O professor e o aluno são os protagonistas da relação que se estabelece no campo da educação. Em relação ao primeiro, é relevante destacar que, a despeito das inúmeras leis, decretos, políticas e ações voltadas à inclusão, o docente é quem, de fato, entrará em contato de forma direta com o aluno que possui deficiência, altas potencialidades e/ou dificuldades de aprendizagem. Será ele quem irá interagir, ensinar, acolher e acompanhar o desenvolvimento do aluno. Grande parte da demanda da educação especial está na atividade do docente, por isso, é importante se concentrar em sua preparação, aperfeiçoamento e no cuidado que o professor tem para consigo, pois tudo isso se refletirá de maneira categórica na relação e no cuidado com o outro, no caso, o aluno. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) determina que, para atuar na educação especial, o professor deve ter como base de sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área.

Dessa forma, uma das primeiras proposições no que tange à formação docente se refere ao fato de que a preparação do professor para a atuação na educação especial não ocorre de uma só vez, ou apenas durante a graduação. Nascimento (2009) destaca que a preparação desses professores não deve ser

algo pontual, como a participação em algum curso, oficina ou seminário, mas deve ser uma preparação contínua, e constantemente atualizada, uma vez que é preciso estar em sintonia com o que existe de mais eficaz e moderno em termos de técnicas. Assim como as técnicas e os recursos mudam e se aperfeiçoam, as necessidades do corpo discente também tendem a se alterar de acordo com a mudança das classes, turmas e anos letivos.

Farias, Maranhão e Cunha (2008) afirmam que a capacitação é crucial para o professor que tem, entre seus alunos, crianças e adolescentes com deficiência, o que se espera que seja cada vez mais comum. No entanto, foi identificado no estudo desses autores, com diferentes profissionais observados, mas que tinham a mesma formação e capacitação, que o comportamento do professor em sala de aula também é determinante para a evolução e aprendizagem do aluno da educação especial

Silveira, Enumo e Rosa (2012) dizem que os docentes que admitem ter dificuldade no ensino especial apontam como principais problemas o desconhecimento da linguagem brasileira de sinais, a estrutura da formação e capacitação, ferramentas e recursos da instituição de ensino, falta e apoio e conhecimento, sobrecarga de trabalho, ausência de parceria e presença de outros profissionais que poderiam atuar de forma relevante na inclusão e desenvolvimento dessas crianças e adolescentes, e a dificuldade de atuar em salas de aula lotadas, o que impede que a atenção e o cuidado especializados, bem como certas atividades de suporte e socialização, sejam viáveis.

Além disso, Anjos, Andrade e Pereira (2009) concluíram que grande parte dos professores reconhece também ter sensações de insegurança, medo, falta de confiança e angústia frente à educação especial, que indicam a estrutura das escolas e a ausência de uma capacitação efetiva como principais responsáveis por tal cenário. Os autores afirmam, ainda, não ter identificado na fala desses professores uma postura de enfrentamento voluntarioso para atuar na mudança dessa realidade e na transformação da educação e da sociedade. A maior parte afirmou se sentir desmotivada, e não estar realizada no trabalho realizado com crianças e adolescentes com deficiência. Mas Silveira, Enumo e Rosa (2012) constataram que a maior parte dos professores que atua de forma equivocada

ou insuficiente na área da educação especial não o faz por escolha, ou mesmo por características e comportamento pessoais, mas por desconhecimento das dinâmicas e medidas adequadas, o que mostra um grande problema na formação do professor.

Especificamente sobre a questão da deficiência, Pletsch (2009) aponta que ocorreram sim avanços importantes em relação à formação docente no Brasil, mas ainda há a necessidade de melhorias como condição essencial para a efetividade da inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino. É preciso que se mude esse panorama antes de se pensar na implementação de qualquer método ou técnica, uma vez que a raiz dessa abordagem já sofre um vício desde a forma em como é concebida. Greguol, Gobbi e Carraro (2013) lembram também que o número de crianças com deficiência inseridas na educação regular desde o início da década de 2010 tem sido maior, proporcionalmente, do que a capacidade absorativa dos professores considerados efetivamente capacitados para a educação especial. Segundo os autores, isso se agrava na medida em que, mesmo aqueles docentes que realizaram qualquer tipo de capacitação em educação especial, se sentem desconfortáveis e impotentes diante da realidade do ensino.

Não é nosso propósito colocar o professor na posição de culpado, tendo em vista que o docente é, assim como o aluno, vítima de uma estrutura que nitidamente apresenta falhas graves. A falta de formação acadêmica sólida no que tange à educação especial, a ausência de cursos de formação continuada e aperfeiçoamento na área, as barreiras arquitetônicas das instituições de ensino (que dificultam, em especial, a inclusão de alunos com deficiência) e a escassez dos recursos didáticos adequados certamente vão culminar em desestímulo e sentimento de impotência. E como mudar esse panorama? Esse é o assunto do tópico seguinte.

2.3 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: IMPORTÂNCIA DO CUIDADO DE SI NO CUIDADO DO OUTRO

Em primeiro lugar, é importante destacar que a contribuição que pretende este trabalho dar não consiste em uma visão estritamente técnica sobre o assunto. Obviamente que o sistema a ser erigido para uma educação especial eficaz passa pela graduação do professor, pelos cursos contínuos de capacitação, pelas adaptações arquitetônicas da escola e pela disponibilização das tecnologias e materiais didáticos existentes nessa área, dentre tantos outros elementos. Entretanto, não é nosso objetivo dizer o que deve ser ensinado na graduação ou nos cursos de aperfeiçoamento de professores, quais devem ser os métodos de ensino ou quais recursos tecnológicos devem ser usados. Nosso eixo central é falar sobre a transformação do olhar do professor para a diversidade existente em sala de aula, que não depende de somente da formação na faculdade, na pós-graduação ou nos cursos de aprimoramento (embora eles possam também contribuir fortemente para que isso aconteça). Esse tipo de transformação – de visão, de pensamento e de sensibilidade – ocorre precipuamente dentro de nós mesmos, mas determina de forma indubitável nosso comportamento para com o outro. É o cuidar de si, para depois cuidar do outro, conforme preconizou Foucault. É o professor olhar para dentro de si e transformar-se, para depois olhar para seus alunos e transformar o ambiente em que leciona. A nosso ver, essa é a primeira e mais básica premissa da educação especial, uma vez que

[...] ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído de interações humanas. As interações com os alunos não representam, portanto, um aspecto secundário ou periférico do trabalho dos professores: elas se constituem no núcleo e, por essa razão, determinam, ao nosso ver, a própria natureza dos procedimentos e, portanto, da pedagogia (Tardif, 2002, p. 118).

É importante ressaltar que a forma de atuação do docente não pode ficar restrita somente às técnicas que fazem parte da educação especial. É claro que toda a estrutura formada pelos recursos, tecnologias e métodos pedagógicos disponíveis são inegavelmente relevantes nesse processo, e o professor deve

estar atento para o seu aprendizado e para o uso destes elementos. Não coloca-se isso em dúvida nesse trabalho em momento algum. Contudo, o que se nota é que existem inúmeras leis, regulamentos, currículos e didáticas, mas “nenhuma palavra sobre as representações como olhares ao redor do outro. Nenhuma palavra sobre a necessidade de uma metamorfose nas nossas identidades. Nenhuma palavra sobre a vibração com o outro” (Skliar, 2003, p. 38).

Além disso, nada substitui a vivência do professor em sala de aula e as experiências que ele vive ao lado dos alunos. Toda essa bagagem adquirida no decorrer da atividade profissional não pode ser aprendida, estudada ou memorizada através de nenhum curso. Só a prática proporciona esse aprendizado, e cada experiência, de cada docente, em cada escola, com cada aluno e com cada classe, compõe uma espécie de “caixa” de conhecimento que é única de cada educador, e que certamente pode ser enriquecida através do diálogo e da convivência entre os próprios docentes. André (2016, p. 206) propõe a ideia de uma autonomia profissional compartilhada, em que o docente irá construir a sua “identidade com base na relação com o outro, nas trocas, na construção coletiva do conhecimento. Portanto, um sujeito ativo, que acolhe ideias alheias ao mesmo tempo em que constrói as suas próprias”.

É necessário que esse educador tenha, além do conhecimento técnico que sua profissão impõe, a sensibilidade para captar e abarcar dentro de si todas essas vivências e fazer delas instrumentos para uma docência voltada à diversidade. Beyer (2015, p. 81) aponta que a educação especial “consiste em uma visão de vida. Mexe com os valores pessoais. Chacoalha e confronta a racionalidade predominante, que tem caracterizado durante muitos anos a organização escolar”. Essa transformação pessoal, de valores, de percepções e de visões, é o cuidado que professor tem primeiramente consigo para depois cuidar do outro, o aluno.

Compreende-se que, na educação especial sob a perspectiva da educação inclusiva, é forçoso despir-se da ideia de que a preparação do professor parte unicamente dos recursos técnicos, que, repita-se, são muito valiosos, porém, a essência da educação especial e inclusiva desenrola-se para

bem mais do que somente isso, e, portanto, é preciso captar e compreender a diversidade, o que contempla todos aqueles que, por condições ou circunstâncias, fujam aos padrões excludentes estabelecidos e nutridos pela sociedade.

É necessário ainda que a formação dos professores estimule a consciência da importância da inclusão e de se incentivar as potencialidades do aluno assistido pela educação especial, para que se pense, em um segundo momento, em como transmitir os conteúdos a ele e aos demais alunos e traduzir isso em metodologias e práticas de ensino. É preciso formar os professores “com conhecimentos teoricamente consistentes sobre desenvolvimento humano que lhes permitam conceber processos de ensino-aprendizagem adequados à diversidade do alunado que frequenta as escolas [...]” (Glat; Pletsch, 2011, p. 119). Educar é mais do que transmitir o conteúdo das disciplinas previstas pela grade curricular. Educar também é humanizar, conscientizar e estimular a reflexão acerca da comunidade e dos contextos (sociais, culturais, econômicos etc.) nos quais estamos inseridos

Ao mesmo tempo em que somos todos diferentes e constituímos uma imensa diversidade e variedade de características pessoais, físicas, culturais, sociais etc., também somos uma unidade, uma só entidade, um só coletivo que deve funcionar com harmonia, igualdade, solidariedade e complementariedade. Para Morin (1997), o ponto de partida de um processo de inclusão é o reconhecimento de duas realidades paralelas e coexistentes: a da unidade e da diversidade humana. Nessa perspectiva, entender e respeitar as diferenças possibilitará unir as pessoas em um mesmo ambiente, com os mesmos propósitos e sob os mesmos princípios, regras, garantias e direitos. Tudo isso dentro daquilo que Morin (1997) chama de multiplicidade do uno. Assim, ao se dar conta da multiplicidade do corpo discente, o professor poderá fazer adaptações no currículo para atender às necessidades dele. E essas adequações vão depender das situações que são observadas e vivenciadas no ambiente escolar. Por isso, é

[...] relevante a percepção do professor em relação à realidade fática que lhe é apresentada. Não se duvida da importância de se ter um plano pedagógico com os conteúdos a serem lecionados e os objetivos a serem alcançados no ano letivo, porém, o processo de aprendizagem deve ser pensado como algo mais amplo, considerando a diversidade das turmas e as especificidades das situações que se sucedem no contexto escolar. Se o corpo discente é mutável, a didática e os recursos de ensino não podem ser imutáveis e engessados (Begalli; Silveira, 2019, p. 14).

Ao identificar a heterogeneidade e as necessidades do corpo discente, as escolas e os professores, devidamente amparados por uma estrutura que se faz necessária, deverão ajustar métodos, didática, currículos etc., para promover a aprendizagem de todos os alunos, sem que haja qualquer espécie de separação entre eles, promovendo assim um ambiente escolar “humanizado e em contato com a diversidade, no qual todos podem desenvolver as suas habilidades e com chances reais de evolução, livres de amarras baseadas na intolerância e no preconceito” (Begalli; Silveira, 2019, 15). Dessa maneira, busca-se formar, a partir de uma escola inclusiva, uma sociedade inclusiva.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho teórico-bibliográfico, estruturada a partir da análise crítica de produções científicas, filosóficas e educacionais que tratam da relação pedagógica na educação especial, tendo como eixo epistemológico a noção de “cuidado de si” e “cuidado do outro” conforme elaborada por Michel Foucault. Tal escolha metodológica justifica-se pela natureza investigativa do estudo, que visa compreender os sentidos, as práticas e os deslocamentos subjetivos implicados no exercício docente no contexto da inclusão escolar, não sendo objetivo deste trabalho quantificar dados, mas interpretar e discutir as compreensões e implicações teóricas e pedagógicas do tema proposto.

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática com base em autores clássicos e contemporâneos das áreas de Filosofia, Educação, Ética e Educação Inclusiva, com destaque para Foucault (1994, 2006, 2010), Revel (2005), Grabois (2011), Glat e Pletsch (2011), entre outros. As obras foram

selecionadas a partir de critérios de relevância temática, rigor teórico e atualidade, privilegiando publicações indexadas em periódicos qualificados da área de Educação, livros acadêmicos e documentos oficiais, como diretrizes do Ministério da Educação (MEC, 2001; MEC, 2008). A busca bibliográfica foi realizada nas bases SciELO, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e acervos institucionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da presente pesquisa, obtidos por meio da análise crítica da literatura, evidenciam que a efetivação da educação especial na perspectiva inclusiva depende diretamente da qualidade das relações pedagógicas estabelecidas entre docentes e discentes, bem como da formação ética e subjetiva do professor. A partir dos aportes foucaultianos sobre o cuidado de si, constata-se que o ato de ensinar, sobretudo no contexto da diversidade, é atravessado por dimensões éticas que ultrapassam o domínio técnico e didático da docência.

Em primeiro lugar, observou-se que o professor é interpelado constantemente pelas singularidades do corpo discente. Nesse cenário, o cuidado de si, conforme proposto por Foucault (1994; 2006; 2010), constitui uma prática fundamental para o enfrentamento das exigências da inclusão, pois implica um trabalho constante de autoconhecimento, reflexão crítica, autotransformação e disposição ética para o outro. Tal cuidado configura-se como uma forma de resistência ao modelo tradicional e normativo de ensino, que ainda privilegia a homogeneização e a padronização dos processos educativos.

Os desafios relatados na literatura consultada, como a insuficiência da formação inicial e continuada (Silveira, Enumo & Rosa, 2012; Pletsch, 2009), a ausência de apoio institucional e a sobrecarga docente, corroboram a tese de que não basta apenas capacitar tecnicamente os professores. É necessário promover uma formação ética e sensível, que possibilite ao educador cultivar uma escuta ativa, uma postura dialógica e um olhar sensível à alteridade. Nesse sentido, a ética do cuidado de si aparece como ponto de partida para a

constituição de um ethos docente capaz de promover práticas pedagógicas realmente inclusivas.

Outro aspecto relevante identificado diz respeito à dimensão relacional da inclusão. A literatura analisada (André, 2016; Tardif, 2002; Skliar, 2003) aponta que a qualidade da relação professor-aluno impacta diretamente nos processos de aprendizagem, desenvolvimento e socialização dos alunos da educação especial. A afetividade, a empatia e a valorização das diferenças emergem como elementos indispensáveis na construção de vínculos pedagógicos sólidos. Para que isso ocorra, é imprescindível que o professor esteja subjetivamente disponível, o que somente é possível se ele próprio se cuidar, se conhecer e se formar para além das exigências curriculares.

A análise também revelou que há uma lacuna entre as normativas legais e a realidade prática nas escolas. Ainda que documentos oficiais como a Política Nacional de Educação Especial (MEC, 2008) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Inclusiva tragam avanços significativos no campo da legislação, a ausência de estrutura, formação e suporte emocional gera descompassos entre o discurso institucional e as práticas cotidianas. Nesse contexto, o cuidado de si pode atuar como força contra-hegemônica, possibilitando ao professor resistir à precarização do trabalho docente e sustentar, com responsabilidade ética, sua atuação profissional.

Finalmente, constatou-se que a prática do cuidado de si, longe de ser um exercício narcisista, é, segundo Foucault, uma condição para o cuidado do outro. Ao cuidar de si, o professor desenvolve disposições éticas que o capacitam a acolher a diversidade, a reinventar metodologias, a romper com paradigmas excludentes e a promover ambientes escolares mais equitativos. Essa metamorfose subjetiva do educador impacta positivamente a experiência educacional dos alunos com deficiência, altas habilidades ou dificuldades de aprendizagem, contribuindo para a superação da exclusão simbólica frequentemente vivenciada nesses contextos.

Em síntese, os resultados obtidos apontam para a necessidade de uma formação docente que articule saberes técnicos e éticos, promovendo o cuidado

de si como uma prática permanente e como pressuposto para a construção de relações pedagógicas mais humanas, inclusivas e emancipadoras.

5 CONCLUSÃO

Esse artigo teve como objetivo principal analisar a relação entre professor e aluno, figuras centrais da interação que se estabelece no âmbito da educação especial, relacionando tal questão com a importância do cuidado de si e seus reflexos no cuidado do outro sob a perspectiva de Michel Foucault. Antes disso, porém, foi necessário voltar a atenção ao enfrentamento das dificuldades concernentes à educação especial no Brasil. Esse é um assunto absolutamente necessário e inadiável, uma vez que nosso ordenamento jurídico garante a inclusão na escola e prevê o atendimento especializado (mas dentro da escola comum) para os alunos com deficiência, altas potencialidades e/ou dificuldades de aprendizagem.

Entretanto, a educação especial não depende somente da promulgação de uma lei ou da idealização de uma política pública. É imprescindível que as mesmas não fiquem restritas ao papel; elas devem ser concretizadas e vivenciadas na prática por aqueles a quem são destinadas, e isso requer não apenas investimentos por parte do Estado, mas também que esses sejam aplicados de maneira correta na organização escolar que se mostra necessária para se empreender uma educação especial de qualidade.

Ao adentrar na questão da relação professor-aluno sob a perspectiva dos estudos de Foucault acerca do cuidado de si e do outro, foi possível constatar que o docente, antes de cuidar do aluno, em todas as feições que possui o verbo cuidar dentro da educação (ensinar, acolher, orientar etc.), deve promover o cuidado consigo próprio. Isso certamente passa por sua formação acadêmica, (seja na graduação, pós-graduação e quaisquer cursos de formação continuada) e por todos os arranjos técnicos e didáticos que devem ser proporcionados aos educadores e à escola. Porém, a transformação mais profunda deve começar pela compreensão do professor acerca da diversidade presente no alunado. É esse remodelamento de postura e mentalidade que terá forte impacto no

ambiente de aprendizado. A educação inclusiva e especial depende dessa atitude: a mudança interna do docente, que o faça primeiramente voltar a sua percepção e a sua sensibilidade para a alteridade presente no corpo discente com o qual trabalha. Essa metamorfose propiciará reflexos acentuados na atuação do professor, na engrenagem da escola e na evolução de todos alunos, sejam eles inseridos na educação especial ou não.

Considerando e respeitando a diferença na educação, inicia-se e adota-se um processo contínuo de respeito à vida, tanto do professor quanto do aluno, pois cuida-se de si e do outro. Assim sendo, o cuidado de si, segundo a vertente foucaultiana, deve ser entendido como uma concepção virtuosa que possibilita, por sua vez, o pensamento de uma ética voltada à existência. Tal noção ética é uma tentativa de constituir a subjetividade a partir do cuidado de si próprio. A ética do cuidado de si diz respeito à forma como o sujeito se torna seu próprio objeto de trabalho, conhecimento e zelo. Assim, quem cuida, de forma adequada e atenciosa de si mesmo, encontra-se em condições favoráveis e propulsoras para se relacionar de forma saudável e harmônica com os outros. E é esse o movimento que deve ser adotado principalmente no que tange à educação especial, no convívio e no trato entre docente e discente. Somente assim teremos escolas voltadas à inclusão, ou seja, escolas que não ignoram as diferenças, mas ao contrário, as compreendem e as exaltam como fator inerente à própria humanidade.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Formar o professor pesquisador para um novo desenvolvimento profissional. In: ANDRÉ, Marli (Org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2016

ANJOS, Hildete Pereira dos; ANDRADE, Emanuele Pereira de; PEREIRA, Mirian Rosa. **A inclusão escolar do ponto de vista dos professores**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 4, n. 40, 116-129, 2009.

BEGALLI, Ana Silvia Marcatto. **A ética do cuidado de si e a ética personalista: um diálogo entre Michel Foucault e Emmanuel Mounier**. Revista Aracê, São José dos Pinhais, v.7, n.4, p. 20808-20822, 2025.

BEGALLI, Ana Silvia Marcatto; SILVEIRA, Carlos Roberto da. **A inclusão da pessoa com deficiência na educação brasileira: uma visão biopolítica**. Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre, Edição Especial: 1-19, 2019.

BEYER, Hugo Otto. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto (Org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

FARIAS, Iara Maria; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 14, n. 3, 365-384, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D'Água, 1994

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. **Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à antiguidade**. Ensaios filosóficos. v. 3, p. 105-120, abril/2011.

GREGUOL, Márcia; GOBBI, Erica; CARRARO, Attilio. **Formação de professores para a educação especial: uma discussão sobre os modelos brasileiro e italiano**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 19, n. 3, 2013.

MORIN, Edgar; NAIR, Sami. **Uma política de civilização**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro dos. **Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PLETSCH, Marcia Denise. **A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas**. Educar em Revista, n. 33. Curitiba, 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovasani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVEIRA, Kelly Ambrosio; ENUMO, Sonia Regina Fiorim; ROSA, Edinete Maria. **Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo**: uma revisão da literatura. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 18, n. 4, 2012.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros**: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 37-49, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.